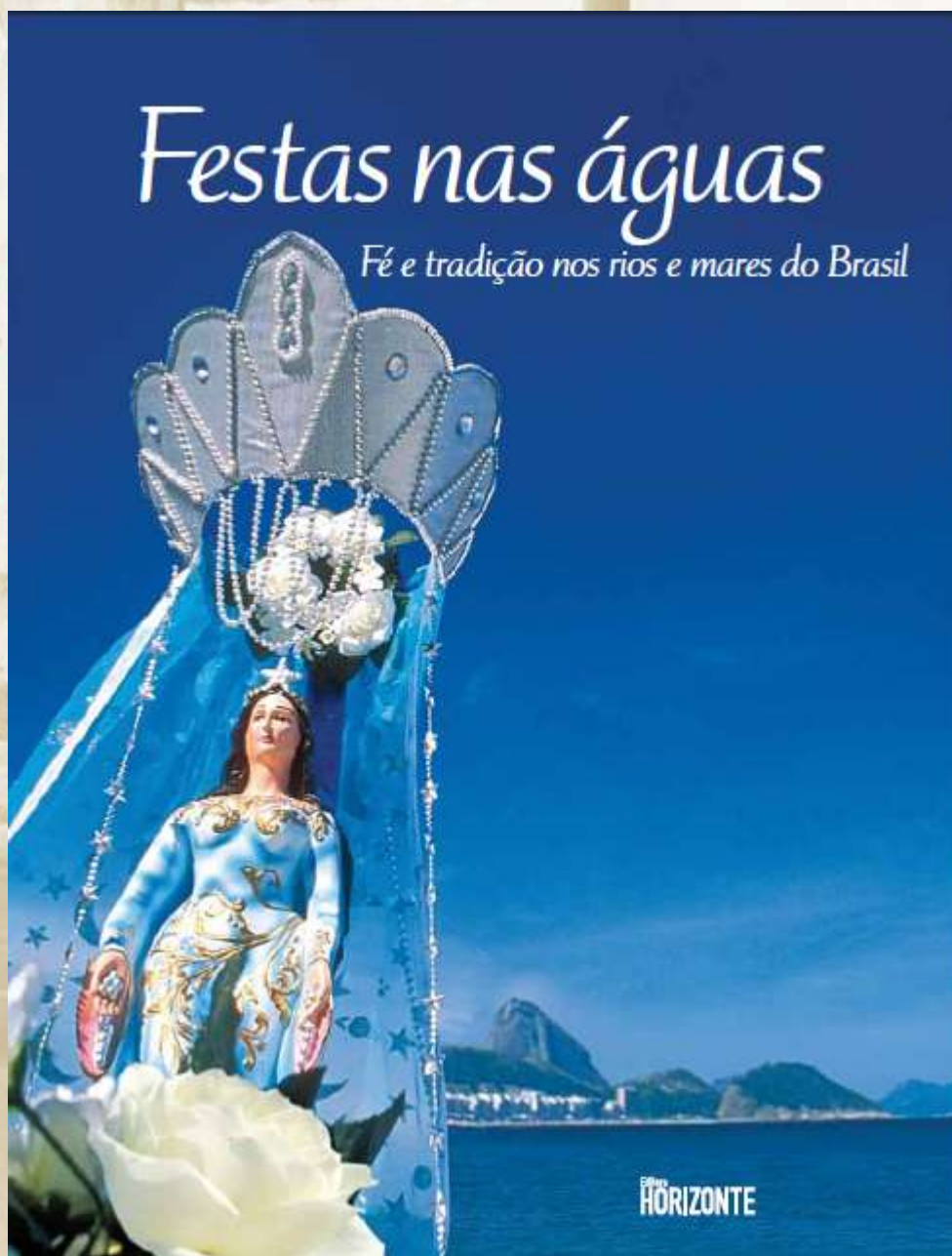


Registro de festejos populares brasileiros: as simbologias de rios e mares como locais da manifestação da espiritualidade

Wesley Dalcol Leite<sup>1</sup>



AMADO, Roberto. **Festas nas águas**: fé e tradição nos rios e mares do Brasil. São Paulo: Horizonte, 2011. 128 p. Disponível em: <[http://www.horizontegeografico.com.br/arquivos/arquivo\\_114.pdf](http://www.horizontegeografico.com.br/arquivos/arquivo_114.pdf)>.

---

<sup>1</sup> Jornalista, mestrando do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal do Paraná (UFPR). E-mail: [wesleydcom@gmail.com](mailto:wesleydcom@gmail.com).

Apresentar e detalhar celebrações da cultura popular que acontecem em regiões litorâneas e de rios brasileiros, esse é o objetivo do livro 'Festas nas Águas' de Roberto Amado. É uma obra que faz o registro histórico de festejos populares, mas que tem seu foco principal em relatar como se manifestam as crenças populares na atualidade.

As características do livro se aproximam do gênero livro-reportagem, pois autor explora técnicas usuais ao jornalismo, como entrevistas, infográficos, foto-legendas, o recurso estilístico de box (caixa explicativa), e – principalmente - a linguagem comum, afastando-se da fala acadêmica científica e permitindo aproximação com um público amplo.

O livro é dividido em três partes. A primeira argumenta que a água faz parte do cotidiano e tem forte simbologia desde o início da civilização. Recupera a tradição bíblica da arca de Noé, como símbolo de pureza, e o caráter divino dos mares, como Poseidon na mitologia grega. E destacada também a água como propulsora da humanidade, como fundamental para as revoluções agrícolas e industriais. Por fim, essa parte introdutória afirma que a água, ainda na atualidade, é elemento de espiritualidade, de caráter místico, da representação da vida e das divindades, não apenas no Brasil, porém no mundo todo - como as manifestações dos hindus no Rio Ganges, por exemplo.

A segunda parte, central, é dividida pelas cinco regiões do Brasil. Ao todo, o autor registra dez festas populares que tem relações diretas com rios e mares. As celebrações apresentadas são eventos que reúnem milhares de pessoas, são festejos tradicionais e que têm caráter de atrair pessoas não somente da localidade na qual se realizam.

É destacado na obra o caráter 'carnavalesco' de algumas manifestações na contemporaneidade. A metáfora feita pelo autor se refere a uma preparação que se aproxima de um grande evento, como um espetáculo, ou de organização de estilo competitivo como um desfile. Contudo, não é de interesse do autor o julgamento valorativo das transformações que os festejos tiveram em sua história. Há o destaque do hibridismo cultural que se procede nas dinâmicas das manifestações, como a venda de objetos, sua ampla divulgação e mesmo a reconfiguração de algumas características que faziam parte das festas no início e que hoje houve mudança de ritual, incorporando novos elementos. Esses elementos atuais são, para o autor, símbolos que compõe as transformações sociais e que não são desconsiderados.

Os festejos escolhidos para compor a obra representam o multiculturalismo brasileiro. Não se trata de um recorte de celebrações de uma religião apenas, pelo contrário, apontam a diversidade cultural e a resignificação de símbolos com atributos históricos e locais. A Festa do Sairé no Município de Alter-do-Chão no Pará é descrita como resultado do processo de trocas

culturais. O evento teve início com indígenas boraris há mais de 300 anos. Com a chegada dos portugueses à região, símbolos tradicionais de cultura à natureza pelos indígenas foram incorporando-se às crenças cristãs, como a Santíssima Trindade. Mesmo com a institucionalização da igreja cristã no local, as crenças profanas de mantiveram como manifestações folclóricas, caso do Festival dos Botos.

Outro exemplo de sincretismo cultural é o culto a Iemanjá, na Festa do Mar em Salvador, Bahia. A celebração aos orixás é de origem africana, vinda ao Brasil com os escravos no século 17. Como as manifestações espirituais dos escravos foram proibidas no Brasil, a crença foi associada à tradição cristã de Nossa Senhora. A Festa de Iemanjá é atualmente celebrada não apenas pelo candomblé, mas também por muitos cristãos. A imagem de Iemanjá foi modificada com o passar dos anos, aproximando-se da representação cristã.

A obra descreve as festas de maneira muito detalhada. O texto valoriza aspectos simbólicos como adereços, ornamentação, figurinos, descrição de lugares, cores, gastronomia, sentimentos coletivos de emoção e fé. Outro aspecto que demonstra a preocupação com as simbologias presentes nos festejos é a utilização das imagens. O livro é em grande parte ocupado por fotografias, acompanhadas por suas legendas. As fotos dão destaques para as representações dos espaços e suas características peculiares; para o povo e sua expressão de fé, tais como as procissões e rituais; e para as imagens de santos e divindades e toda sua decoração e preparação para o momento da festa.

A Festa de Nossa Senhora dos Navegantes é descrita no livro em duas regiões distintas; na centro-oeste (na fronteira do Município de Bataguassu, no Mato Grosso do Sul, com Presidente Epitácio no Estado de São Paulo) e na região sul (em Porto Alegre, no Rio Grande do Sul). Embora as celebrações sejam à mesma santidade, os festejos têm peculiaridades em cada localidade. Uma das curiosidades que os diferem é na data que ocorrem. Enquanto na região sul, a Festa respeita o calendário oficial da Igreja Católica do dia dois de fevereiro, na região centro-oeste a data foi mudada para 15 de agosto, por ter um clima mais favorável para a realização do evento.

Em todas as dez festas presentes no livro, as águas têm relevância, pelo caráter do trabalho e alimentação (pesca), pelo caráter da espiritualidade (purificador, batismo), pela referência à vida, pela representação das águas como a própria divindade ou santidade, ou porque nos rios e mares se manifestam lendas folclóricas.

A última parte do livro intitulada 'Água, fonte de vida', argumenta que a água é o líquido mais precioso, entretanto ainda não valorizado como tal. Nesse capítulo são apresentados dados

científicos para mostrar a escassez da água no Brasil e no mundo. O autor visa alertar a população para a importância de um consumo consciente da água pelos cidadãos e o papel das empresas e governos em buscarem alternativas para o desenvolvimento energético e tecnológico sem que cause poluição e a redução de recursos hídricos. Enumera ainda que o principal consumo de água está na irrigação. No Brasil, 69% do consumo total se devem a esse procedimento utilizado com técnicas – segundo o autor - não sustentáveis na agricultura.

Na perspectiva da Folkcomunicação, o livro de Roberto Amado pode ser a base primária, de caráter exploratório, para a pesquisa das manifestações comunicacionais expressas nas festividades. Observa-se na obra ricas características para a análise do gênero da folkcomunicação cinética no formato de festejo, em seus variados tipos. No estudo da folkcomunicação turística, o livro também apresenta pontos de relevância que indicam a forte existência da relação entre culturas populares e o turismo. De modo a considerar esse último não como negativo ao processo, mas reconhecer o hibridismo que permeia as relações de trocas culturais do tradicional com o contemporâneo; do sagrado com o profano; do folclórico com o institucionalizado; e do manual e simples com as lógicas mercadológicas. **RIF**

## REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

AMADO, Roberto. **Festas nas águas: fé e tradição nos rios e mares do Brasil**. São Paulo: Horizonte, 2011.